



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Autor/editor: Yogita Goyal	Cód.:
TÍTULO: “We Need New Diasporas” in <i>American Literary History</i> 20.4	Data da ficha: 16 de Maio 2018
Editora: Oxford University Press	
Ano: 2017	
ISSN: 0896-7148	
Páginas: 640-663	

1. Observações sobre o conteúdo:

1.1. Ficha de leitura (até 7000 ca)

O ensaio aborda o fenómeno das novas migrações de populações africanas para os E.U.A, negros que não têm um passado de escravatura. É interessante ver o que isto traz de novo à discussão sobre o “Atlântico Negro” (termo de Paul Gilroy), geralmente pensado com escravatura como pano de fundo. A Nigeriana Taiye Selasi, por exemplo, oferece-nos uma noção diferente de diáspora: para ela, ser “Afropolitan” é ver a itinerância de forma positiva e não como algo trágico. As novas noções de diáspora problematizam a hegemonia de certas noções genealógicas de negritude. Apresenta três grandes diferenças em relação às migrações do passado: são voluntárias, acontecem num mundo globalizado e após o fracasso dos estados pós-coloniais. É o segundo aspeto (da globalização) que é mais importante neste panorama das novas narrativas africanas e aquele pelo qual mais são criticadas: acusam estes autores de escreverem de forma excessivamente acessível e de colusão com o neoliberalismo com a sua literatura “world light”, sem verdadeiros princípios de esquerda. Goyal diz-nos que esta literatura deve ser vista com mais subtilidade. Prevalece a ideia de que a relação entre os Afro-Americanos e os imigrantes africanos é uma de desencanto: expectativas se solidariedade são substituídas por conflitos e competição intra-racial e incompreensão. É como se dar visibilidade à narrativa africana implicasse dar menos atenção à dos afro-americanos. O ética de trabalho e a disciplina dos emigrantes parece ameaçar a ideia de que os afro-americanos são vítimas de uma sociedade opressora. Goyal dá o nome de “melancolia diaspórica” a este sentimento de competição entre africanos. Vigora a ideia de que os “pan-Africanismos” são coisa do passado num panorama em que Afro-Americanos assaltam africanos,

africanos são acusados de terem compactuado com a escravatura (venderam o seu povo), africanos recebem elogios dos brancos por serem mais trabalhadores e não se vitimizarem e há um medo generalizado de que os africanos estão a roubar recursos aos descendentes dos escravos. Assistimos, assim, a uma progressiva fragmentação do conceito de negritude. Em vez de analisar este emaranhado de tensões, os investigadores têm optado por ver a chamada literatura da “renascença africana” como uma variante da narrativa de emigração, ignorando aquilo que estas histórias trazem de novo. Por exemplo, no romance de Dinaw Mengetsu *The Beautiful Things that Heaven Bears*, a protagonista diz-nos que não emigrou para os E.U.A à procura de uma vida melhor mas para fugir ao Terror Vermelho da Etiópia, cujos fantasmas continuam a persegui-la; mantém uma posição ambivalente em relação aos personagens afro-americanos. Goyal encoraja-nos a adotar um ponto de vista, na análise destes novos romances, que não segue nem a lógica do trauma nem a do cosmopolitismo celebratório.

1.2. Palavras-chave:

Diáspora; Black Atlantic; Cosmopolitismo; Renascença Africana; Afropolitan; Novos Fluxos Migratórios;

Grupo Transculturalidades

Para citar esta ficha de leitura:

João Paulo Guimarães (2018), ficha de leitura do artigo: Goyal, Yogita (2017), “We Need New Diasporas” in *American Literary History* 20.4. Oxford UP. 640-663.